



FILOSOFIA DA RELIGIÃO

“A Filosofia da religião é um dos ramos da Filosofia, como a filosofia da ciência, a filosofia do direito e a filosofia da arte. Podemos compreender melhor o que é a filosofia da religião começando por dizer aquilo que ela não é. Em primeiro lugar, **não se pode confundir a filosofia da religião com o estudo da história das principais religiões** de acordo com as quais os seres humanos têm vivido. (...) Embora tais estudos sejam importantes para a filosofia da religião e por vezes possa existir sobreposição de ambas as áreas, não as podemos confundir.

Em segundo lugar, **não se pode confundir a filosofia da religião com a teologia**. A teologia é uma disciplina em grande medida interior à religião. Como tal, desenvolve as doutrinas de uma fé religiosa particular e procura fundamentá-la quer na razão comum à humanidade, quer internamente na palavra revelada de Deus. Do mesmo modo que a filosofia da ciência e a filosofia da arte, a filosofia da religião não faz parte do objeto de estudo a que se dedica. [...]

Podemos caracterizar a filosofia da religião como o **exame crítico das crenças e dos conceitos religiosos fundamentais (...)** tais como o conceito de deus, o conceito de fé, a noção de milagre, a ideia de onipotência (...), a crença de que Deus existe, de que há vida depois da morte, de que Deus sabe, mesmo antes de nascermos, o que iremos fazer, de que a existência do mal é de algum modo consistente com o amor de Deus pelas suas criaturas. Examinar criticamente uma crença religiosa envolve **explicar a crença e examinar as razões que têm sido apresentadas a favor e contra a crença**, tendo em vista determinar se há ou não qualquer justificação racional para afirmar que essa crença é verdadeira ou falsa.”

Rowe, William L. (2011), Introdução à Filosofia da Religião. Verbo, Babel, p.15-17.

Temas centrais da filosofia da religião:

1. **A existência de Deus:** discussão dos argumentos a favor e contra a existência de Deus.
2. **Os atributos de Deus:** a natureza e propriedades de Deus, (onipotência, onisciência, suma bondade, etc.).
3. **Razão vs a fé religiosa:** é aceitável ter fé na ausência de provas da existência de Deus? O que é exatamente a natureza da fé?
4. **O problema do mal:** é possível compatibilizar a existência de Deus com a existência do mal?
5. **Milagres:** a discussão da sua existência ou inexistência e, admitindo que Deus intervém no mundo, tanto pela criação como pelos milagres, como se dá tal intervenção.

Acreditar ou não acreditar: Que Deus?

Ateísmo

“Um ateu é alguém que acredita que não há nada para além do mundo físico, natural, que **não há uma inteligência criativa sobrenatural escondida por detrás do universo observável**, que não há uma alma que perdure para além do corpo e que não há milagres - excepto no sentido de fenómenos naturais que ainda não compreendemos. Se há algo que pareça estar para além do mundo natural, tal como hoje, de forma imperfeita, esperamos um dia compreendê-lo e torná-lo parte do natural. Tal como sempre que se decompõe um arco-íris, ele não é menos maravilhoso por isso.

[...]

Teísmo

Um teísta **acredita numa inteligência sobrenatural** que, além de contar como sua obra principal e ter criado o universo, encontra-se por perto para vigiar e influenciar o destino subsequente da uma criação inicial. Em vários sistemas de crença teísta, a divindade está **intimamente envolvida nos assuntos humanos**. Responde a preces; perdoa ou castiga pelos pecados; intervém no mundo operando milagres; agita-se tanto com as boas, como com as más acções e sabe quando as praticamos (ou mesmo *pensamos* em praticá-las).

Deísmo

Também um deísta **acredita numa inteligência sobrenatural**, mas cuja acção se limitou, primeiro do que tudo, a estabelecer as leis que governam o universo. Depois disso, não há intervenção do Deus deísta, que por certo também não tem qualquer interesse específico nos assuntos humanos. [...] Os deístas diferem dos teístas pelo facto de o seu **Deus não responder a preces**, não estar interessado em pecados o em confissões, não ler os nossos pensamentos e não intervir com milagres imprevisíveis. [...] O deísmo é o teísmo diluído.”

Dawkins, R., (2006), *A Desilusão de Deus*, trad. de Lígia Rodrigues e M^a João Camilo. Lisboa: Casa das Letras, pp. 39, 43, 44.
(Adaptado por Joana Pontes)

Suspensão da Crença

Agnóstico

“O robusto cristão musculado que discursava no púlpito da capela da minha velha escola atrevia-se a uma certa consideração clandestina pelos ateus. O que este pregador não era capaz de suportar eram os agnósticos. [...] Mas não há nada de mal em ser-se agnóstico nos casos em que nos faltam provas de um ou do outro lado. É a posição sensata. Carl Sagan manifestou orgulho em ser agnóstico quando lhe perguntaram se existia vida em qualquer outra parte do universo. [...] Não faz mal conter os nossos juízos até haver provas.

Dawkins, R., (2006), *A Desilusão de Deus*, trad. de Lígia Rodrigues e M^a João Camilo. Lisboa: Casa das Letras, p. 73.
(Adaptado por Joana Pontes)